



O audiovisual angolano em suas memórias televisivas

Angolan audiovisual aspects in their television memories



Alexsandro de Sousa e Silva¹

¹ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, faz doutorado pelo mesmo programa de pós-graduação, com pesquisa sobre as relações cinematográficas entre Cuba e alguns países africanos, dentre os quais está Angola. E-mail: alexsandro.dses@gmail.com

Resumo: O livro *TPA e outras histórias* foi elaborado por Augusto Manuel dos Santos, conhecido como Nguxi dos Santos, que há mais de 30 anos transita entre a Televisão Pública de Angola (TPA) e as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (Fapla). Marcadamente memorialística e voltada para o grande público, a obra traz depoimentos de diversos protagonistas que trabalharam na TPA e compõe um mosaico que homenageia a instituição e o trabalho de Nguxi dos Santos em Angola. Nesta resenha, propomos alguns eixos de leitura da obra, como sua estruturação, suas principais contribuições e tensões que escapam ao intuito celebrativo do livro.

Palavras-chave: televisão; cinema; Angola; memória.

Abstract: The book *TPA e outras histórias* was written by Augusto Manuel dos Santos, known as Nguxi dos Santos, who has more than 30 years of career in Televisão Pública de Angola (TPA) and in Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Notoriously memorialistic and targetting the general public, the book includes testimonies from various protagonists who worked at the TPA and constitutes a mosaic that honors the institution and the work of Nguxi dos Santos in Angola. This review proposes some means for interpreting the work, such as its general structure, its main features and certain tensions that go beyond the celebratory purpose of the book.

Keywords: television; cinema; Angola; memory.

Em pleno período de consolidação da emancipação política de Portugal e durante um conflito armado de grandes dimensões, a televisão em Angola foi um dos principais protagonistas na construção da memória política e cultural do país africano². Vitorioso nas frentes de batalha, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) conduziu o processo de construção nacional após a Independência em novembro de 1975, e seus quadros administraram a antiga Radiotelevisão Portuguesa de Angola (RTPA, 1973-1975), renomeada posteriormente Radiotelevisão Popular de Angola (RTPA, 1975-1976), Televisão Popular de Angola (TPA, 1976-1997) e, atualmente, Televisão Pública de Angola (TPA, 1997). Os confrontos militares filmados pelos primeiros técnicos da TPA em meados dos anos 1970 fizeram parte do repertório memorialístico do país africano, que se consolidou ao longo das décadas.

Como técnico de som da TPA, Augusto Manuel dos Santos, conhecido como Nguxi dos Santos, fez parte dos primeiros grupos que registraram as batalhas. Após alguns anos na televisão (1979-1983), realizou filmagens em película e vídeo no Departamento de Cinema das Forças Populares de Libertação de Angola (Fapla) entre 1983 e 1989 para um programa quinzenal da TPA, *Opção*, para enfim dirigir e produzir documentários e reportagens no mesmo canal. Sua trajetória, bem como de muitos técnicos e artistas, é lembrada em uma série de depoimentos publicada por Nguxi, o próprio impulsionador do projeto, no livro *TPA e outras histórias*. Atualmente, além de fotógrafo, ele é produtor independente e um dos principais divulgadores do audiovisual angolano.

O livro é voltado para o grande público, com muitas ilustrações em preto e branco e a cores, no geral descontextualizadas, e reúne cerca de cinquenta depoimentos de antigos e atuais funcionários e funcionárias da instituição, além de documentos e textos panorâmicos. Podemos compreender o livro como dividido em quatro grandes blocos. Antes do primeiro, há alguns escritos iniciais com os agradecimentos de Nguxi dos Santos, o prefácio de José Luís Mendonça e um texto sintético sobre a trajetória do autor do livro na televisão.

O primeiro bloco do livro inclui um documento, um texto sobre a TPA e uma série de quinze entrevistas: quatro em forma de depoimento e as demais no formato perguntas e respostas. O documento é um excerto de discurso do primeiro presidente de Angola, o poeta nacionalista Agostinho Neto, para os funcionários da TPA, datado no livro em 18 de outubro de 1975. Adiante, voltaremos a ele. Por sua vez, o artigo sobre a TPA não é assinado e, pelo seu aspecto oficial, deduzimos

² Para uma história desses conflitos, ver Heimer (1980).

ser institucional. Por fim, ex-diretores, oficiais administrativos e responsáveis pela publicidade e propaganda no canal dão seus testemunhos a Nguxi dos Santos e Marisol Kadiegi, que realizaram as entrevistas. Os entrevistados têm, no geral, mais de 30 anos de trabalho na televisão.

O bloco seguinte inicia-se com uma breve homenagem ao poeta, escritor, antropólogo e cineasta angolano Ruy Duarte de Carvalho, que trabalhou na TPA desde 1975 e classificou como “teimosos” os fundadores da emissora, que trabalharam por décadas no canal. O texto foi escrito pelo jornalista José dos Santos, que também assina o último artigo do livro. Logo após, aparecem dez entrevistas, oito no formato pergunta e resposta e duas em depoimentos, com funcionários, diretores, cinegrafistas, um arquivista e o cineasta português Rui Simões, que menciona seu trabalho com Francisco Henrique, um dos pioneiros do cinema em Angola. Dentre os “teimosos” que lutaram pela televisão em Angola, é perceptível a ausência do escritor Luandino Vieira, cujo papel no âmbito audiovisual (cinema e, sobretudo, televisão) ainda está por ser compreendido na academia. O mesmo argumento podemos estender a Ruy Duarte de Carvalho.

O terceiro conjunto textual abre com um “Dossiê 1992”, que engloba o artigo sobre a destruição de uma torre de transmissão,³ um trecho do discurso do ex-presidente José Eduardo dos Santos na inauguração do novo centro transmissor e a fala de um ex-diretor da TPA no mesmo evento, ocorrido no aniversário da Independência em 1992. A seguir, catorze entrevistas são apresentadas, com ingressantes da TPA em meados dos anos 1980 e na década seguinte: apresentadoras(es), redatores(as), um arquivista, a escritora Amélia Dalomba e o ex-diretor do Instituto Angolano de Cinema, Pedro Ramalhão, que dividiu seu tempo com a televisão. Entram em cena neste bloco as mulheres, como a editora do programa *Diário Esportivo*, Zurema Rodrigues, e as locutoras Mariana Ribeiro e Maria do Céu.

Por fim, dois textos sobre Nguxi dos Santos antecedem os seis depoimentos de jornalistas e oficiais das Fapla que o conheceram quando era cinegrafista e militar nos anos 1980, sobretudo em Cahama e no Malanje, e que ressaltam seus valores pessoais e técnicos. O último bloco é uma continuidade dos textos introdutórios, dando um aspecto de “última capa” ao livro.

³ Ação militar da União pela Independência Total de Angola (Unita), grupo que combateu pela independência desde o final dos anos 1960, e entre 1975 e 1989 manteve atitudes hostis contra civis e militares em Angola, sobretudo ao sul do país, apoiado pela África do Sul. Entrou novamente em guerra civil contra o MPLA entre 1992 e 2002.

As entrevistas passam por três temas gerais. O primeiro envolve a biografia profissional das pessoas na TPA, cujas histórias individuais se confundem com a da própria televisão. O segundo tema é o balanço dos quarenta anos de história da TPA (1975-2015), que se iniciou pouco antes da Independência nacional: o resultado é sempre positivo, mesmo com os novos desafios impostos pelo avanço tecnológico. Por fim, um dos maiores interesses do livro confunde-se com os temas acima: a questão dos jovens ingressantes na TPA e dos “mais novos”, que não querem seguir a “cartilha” da ascensão profissional, pois buscam “queimar” etapas e, assim, “atropelar” todo um processo.

A maioria dos(as) entrevistados(as) fazem exortações à juventude tendo como base suas respectivas experiências, como nos excertos a seguir: “E é este espírito que não deve faltar à juventude angolana, que precisa dar continuidade ao trabalho iniciado, fazendo-se discípulos de precursores como Nguxi dos Santos” (Víctor Henriques, na TPA desde 1975, p. 65); “Hoje vejo, por exemplo, que o jovem repórter sai à rua, faz uma peça, regressa e permanece a olhar para o relógio, porque quer ir embora para a casa, mesmo sem ter ainda editado a sua matéria. Isto é errado para a Televisão...” (Graça Mendes, 35 anos na TPA, p. 87); “as pessoas chegam, pegam numa câmara e, três meses depois, já se intitulam como operadores de câmara [...] Há algum desvio nas exigências profissionais que, penso, ser preciso resgatar o mais rápido possível, de forma a tornar a TPA uma emissora séria” (José Maria Fernandes, desde 1976 na TPA, p. 115). Os textos de apresentação dos(as) entrevistados(as), ao ressaltar suas trajetórias profissionais, também reforçam o coro:

E [Sandra Mainsel] começou do princípio: apresentadora de continuidade, responsável pela apresentação resumida da programação ao longo do dia e o resumo do que vai acontecer no dia seguinte [...]. *Grão a grão foi enchendo o papo*: da Continuidade passou aos noticiários e actualmente empresta voz e rostos noutras frentes televisivas... (SANTOS, 2018, p. 166, grifo nosso)

As pessoas que dão seus testemunhos têm entre 15 e 40 anos de experiência na TPA, e é perceptível a ênfase, tanto nos textos iniciais quanto nas entrevistas, nos diferentes níveis de ascensão profissional. No entanto, há um caso excepcional que aparece logo após um “exemplar”. A entrevista do apresentador Ernesto Bartolomeu (SANTOS, 2018, p. 148-153), desde 1983 na TPA, é mostrada como ideal para a progressão na TPA, pois ele veio do musseque (periferia de Luanda) para passar em um disputado concurso entre 1.200 candidatos e seguir mais de 30 anos de carreira.

Por outro lado, António Frazão chegou à empresa por “milagre”, uma vez que, mesmo tendo sido reprovado num teste, substituiu um apresentador e daí não deixou de trabalhar na televisão e rádio, sem passar pelos “ritos” profissionais zelados pela maioria dos(as) entrevistados(as) (SANTOS, 2018, p. 154-157). Depreende-se daí uma das tensões a que a publicação não dá ênfase, porém é perceptível aos olhos do(a) leitor(a).

Outros momentos escapam, ainda que brevemente, do tom celebrativo da publicação. É o caso da entrevista de Maria do Céu (apud SANTOS, 2018, p. 174), que recorda os momentos difíceis das relações de gênero e poder na TPA:

O Nguxi dos Santos, o Dias Júnior e o Tomás Pereira foram pessoas que fizeram parte de mim nesta Televisão. Eram realizadores e gritavam comigo. Se a maior parte das jovens que entraram agora ouvissem metade daquilo que ouvi do Nguxi, do Dias e do Tomás Ferreira fugiriam da Televisão, porque eles gritavam tanto comigo e, às vezes, saíam-me lágrimas. [...] mas eles foram meus professores, ensinaram-me aquilo que hoje sei. Foram realmente impecáveis.

Orlando Rodrigues, por sua vez, traz um dos poucos relatos com menções a disputas políticas em Angola (SANTOS, 2018, p. 50-55). Rodrigues foi diretor de Informações da RTPA entre 1975 e 1978. No contexto das perseguições políticas em maio de 1977⁴, relembra que foi chamado para dirigir a TPA, cargo que aceitou com a condição de que “se fosse para fazer uma caça às bruxas que não contassem comigo” (RODRIGUES apud SANTOS, 2018, p. 52). Recorda também as censuras ao programa *Tribuna Popular* e *Sítio do Pica-Pau Amarelo*: o primeiro por exposição de opiniões populares “desagradáveis ao Poder” e o segundo por racismo, denúncia que o entrevistado não compreendeu, pelo fato de Monteiro Lobato ter sido membro do Partido Comunista do Brasil (RODRIGUES apud SANTOS, 2018, p. 52-53). Por fim, o projecionista “privado” de Agostinho Neto, Henrique Bernardo (apud SANTOS, 2018, p. 128) recorda ter exibido para o então presidente o filme *Ngola Ritmos*, na verdade *O ritmo de Ngola Ritmos* (António Ole, 1978), pois segundo o depoente “havia um problema” com a película e “havia a necessidade de mostrar o filme ao Presidente”. Trata-se de um caso de censura que ocorreu no período, segundo memórias de testemunhos de época, uma vez que o músico nacionalista Liceu Vieira Dias, fundador do célebre conjunto musical Ngola Ritmos fora colocado

⁴ Em 27 de maio de 1977, um grupo de militantes do MPLA, liderado por Nito Alves, tentou dar um golpe de Estado – ou organizar um firme protesto, segundo outras memórias – contra o governo de Agostinho Neto, que respondeu de maneira brutal, gerando uma cadeia de repressões, prisões arbitrárias, mortes e desaparecimentos. Para mais informações, cf. Makebo-Tali (2018).

em ostracismo por ter sido apoiante da chamada Revolta Activa, uma ala do MPLA que caiu em desgraça no final dos anos 1960 (SANTOS, 2019).

Há desencontros de datas em alguns relatos. Carlos Oliveira menciona que as películas deixaram de ser utilizadas como suportes fílmicos em 1973 (SANTOS, 2018, p. 124), quando passou-se a utilizar o vídeo; como pontuado em outras vozes, tal mudança ocorreu em 1983, época de grande reestruturação na TPA. Emídio Canha afirma que Agostinho Neto faleceu em 1977, fato ocorrido dois anos depois. É possível que os casos mencionados sejam derivados de pontuais falhas técnicas, como na reprodução da fala de Ernesto Bartolomeu sobre sua aprovação no concurso na parte consagrada a Chico Campos. No entanto, há duas situações, entrelaçadas, que demandam uma breve reflexão.

A data da primeira exibição televisiva da RTPA (*Popular*) ora é destacada como tendo ocorrido em 1974, ora em 1975, ano atribuído ao discurso de Agostinho Neto aos(às) funcionários(as) da TPA. Uma passagem pelas páginas dos periódicos angolanos ajuda-nos a documentar que em 19 de maio de 1974 houve uma experiência de transmissão em Luanda, quando a RTPA (“Portuguesa”) era dirigida por Asdrúbal Ferreira⁵; em 18 de outubro de 1975 foi oficialmente iniciada a transmissão da RTPA (*Popular*) sob o controle do MPLA⁶. O discurso do presidente foi publicado em 8 de setembro de 1978, Dia do Jornalista⁷.

A principal contribuição do livro é o conjunto das memórias dos(as) funcionários(as) da TPA, personagens dos bastidores responsáveis pela continuidade da emissora ao longo de décadas, mas que poucas vezes têm seu trabalho reconhecido. São relatos sobre filmagens em meio ao campo de batalha, como no caso do próprio Nguxi; sobre as tensões que ocorrem no calor do momento de trabalho, como destacamos acima; e sobre programas televisivos como o militar *Opção* e os musicais *Sunga* e *Revista Musical*, todos com participação do autor do livro no corpo técnico. Dentre os(as) trabalhadores(as) da TPA, destacamos as entrevistas aos arquivistas audiovisuais Isaac Canga,

⁵ Cf. Televisão... (1974). Não se trata da primeira transmissão ocorrida em Angola. Houve algumas experiências de transmissão via cabos em Benguela em 1964 e na Baía de Luanda em 1970. Segundo Sebastião Coelho (1999, p. 146), a RTPA iniciou as transmissões via sinais em 1973: “As emissões tinham três horas de duração e foram interrompidas depois do 25 de Abril de 1974”. No entanto, não localizamos nos periódicos, entre janeiro e abril de 1974, qualquer programação ou matéria sobre exibições na televisão angolana.

⁶ Cf. TV... (1975). Em meio aos conflitos com a União pela Independência Total de Angola (Unita) e com a Frente de Libertação Nacional de Angola (FNLA), a FNLA havia se apropriado das instalações meses antes, até ser expulsa pelo MPLA.

⁷ Cf. O Camarada... (1978). O texto tem alguns parágrafos a mais do que no livro de Nguxi dos Santos, mas não há menção sobre a data do discurso de Agostinho Neto. Nos arquivos da TPA, em Luanda, uma nota atribui a data de 14 de outubro de 1977 ao discurso proferido pelo presidente nas dependências da emissora.

que faz uma síntese da história dos suportes de filmagem na TPA, e Francisco Ferreira Campo, o Chico Campo, que menciona a transferência de uma parte dos arquivos fílmicos para a sede do MPLA em 1992 devido às ameaças de guerra em Luanda.

Enfim, o livro oferece a quem se interessa pela história da televisão angolana uma série de informações e imagens que possibilitam conhecer uma parte da história sobre o rico, variado e moderno patrimônio africano.

Referências

COELHO, Sebastião. *Angola: história e estórias da informação*. Luanda: Executive Center, 1999.

HEIMER, F.-W. *O processo de descolonização em Angola, 1974-1976*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MABEKO-TALI, J.-M. *Guerrilhas e lutas sociais: o MPLA perante si próprio (1960-1977)*. Lisboa: Mercado de Letras, 2018.

O CAMARADA Presidente disse: A informação deve reflectir as preocupações do Partido. *Jornal de Angola*, Luanda, 8 set. 1978.

SANTOS, A. Cem anos de Liceu Vieira Dias: uma das figuras da história de Angola. *Jornal de Angola*, Luanda, 12 mai. 2019. Cultura. Disponível em: <https://bit.ly/2Mtm70m>. Acesso em: 29 jun. 2019.

SANTOS, N. *TPA e outras histórias*. Luanda: Televisão Pública de Angola, 2018.

TELEVISÃO hoje em Luanda. *A Província de Angola*, Luanda, p. 3, 19 mai. 1974.

TV em Luanda. *Jornal de Angola*, Luanda, 19 out. 1975.

Submetido em: 20 ago. 2019 | Aprovado em: 15 out. 2019